

**AUTOGESTÃO MEDICAMENTOSA NOS EVENTOS DISMENORREICOS EM ADOLESCENTES: REVISÃO INTEGRATIVA**

**Elidiane Emanuelli Ficanha<sup>1</sup>, João Vítor de Lara Brum Pedroso<sup>2</sup>, Júlia Borgheti Brum<sup>3</sup>,  
Tanise de Lima Tadielo<sup>4</sup>, Ângela Kemel Zanella<sup>5</sup> e Melissa Medeiros Braz<sup>6</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Maria, (lidificanha@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Santa Maria, (joao-victor.brum@acad.ufsm.br)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Santa Maria, (julia.borgheti@acad.ufsm.br)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Santa Maria, ([tanise.tadielo@acad.ufsm.br](mailto:tanise.tadielo@acad.ufsm.br))

<sup>5</sup>Universidade Federal de Santa Maria, ([angela.zanella@ufsm.br](mailto:angela.zanella@ufsm.br))

<sup>6</sup>Universidade Federal de Santa Maria, (melissabraz@hotmail.com)

**Resumo**

A dismenorreia primária, popularmente conhecida como cólica, pode estar presente em dias anteriores a menstruação e durante o fluxo menstrual de fato, em situações que há ausência de doenças pélvicas adjacentes; a dismenorreia secundária possui causas patológicas. Tal condição acarreta redução da qualidade de vida da população feminina, como restrição de atividades diárias e déficit de desempenho acadêmico; assim, a automedicação é prática comum. Em vista disso, objetiva-se identificar aspectos gerais sobre automedicação nos casos de dismenorreia, incluindo sua prevalência e fatores associados. Para isso, foi realizada revisão integrativa de artigos anexados às bases de dados Pubmed, Scielo e Lilacs a partir dos descritores “automedicação” e “dismenorreia”, assim como seus correspondentes nos idiomas inglês e espanhol, sendo o período de publicação entre os anos de 2016 a 2021. A amostra inicial foi composta por 74 estudos; após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e leitura dos textos na íntegra foram selecionados cinco estudos para comporem a revisão. Identificou-se prevalência de automedicação entre 34,8% e 78,2%; além disso, a principal causa se relaciona a aspectos culturais, já que ingerir fármacos por conta própria, sem a necessidade de ir ao médico, alivia a dor de imediato, de forma a permitir retorno rápido às atividades diárias. Outro fator associado à prevalência da autogestão farmacológica em casos de dismenorreia é a intensidade da dor, com relação diretamente proporcional; análogo a isso, fármacos analgésicos são utilizados em circunstâncias de dor branda, enquanto anti-inflamatórios não-esteroides se fazem presentes no controle da dor intensa. Portanto, a prevalência da automedicação relaciona-se a fatores culturais, acesso facilitado às drogas de venda livre e intensidade da dor experienciada. Dessa forma, faz-se necessária a difusão de tratamentos não farmacológicos a dismenorreia, permitindo maior bem-estar ao público feminino e exclusão dos malefícios da automedicação.

**Palavras-chave:** Dismenorreia; Automedicação; Adolescentes; Saúde da mulher.

**Área Temática:** Temas livres.

**Modalidade:** Trabalho completo.

## 1 INTRODUÇÃO

A dismenorreia é definida como dor importante na região suprapúbica com irradiação lombar com ocorrência predominante no período menstrual, podendo ser primária ou secundária (SUBASINGHE et al., 2016). A dismenorreia primária é a cólica que pode estar presente em dias anteriores a menstruação e durante o fluxo menstrual de fato, em situações que há ausência de doenças pélvicas adjacentes (BURNETT; LEMYRE, 2017; HAILEMESKEL et al., 2016). No entanto, a dismenorreia secundária está associada a distúrbios nos órgãos reprodutivos femininos, como endometriose, mioma, pólipos, doença inflamatória pélvica e anormalidades uterinas; tais afecções acarretam cólicas fortes até mesmo em períodos não menstruais, além de menstruação abundante e dor durante relações sexuais (HEWITT, 2020).

A prevalência da dismenorreia é elevada, variando de 45 a 93% das mulheres em idade reprodutiva (HU et al., 2020; LGHOUL et al., 2020; AZAGEW et al., 2020). Ademais, produz sintomas concomitantes de cefaleia, vômito e tontura, assim como restrição de atividades diárias, déficit de desempenho acadêmico e laboral, diminuição da qualidade do sono e efeitos de humor causadores de ansiedade e depressão. Assim, considera-se dismenorreia como questão de saúde pública (SAHIN et al., 2018; FEMI-AGBOOLA, et al., 2017; ABREU-SANCHEZ et al., 2020).

Porém, por a dismenorreia ser culturalmente considerada um sintoma normal e tolerável do ciclo menstrual, mulheres não costumam relatar nem buscar ajuda profissional para seu tratamento (ARMOUR et al., 2019a). Ao invés disso, a automedicação é prática comum: anti-inflamatórios não-esteróides e analgésicos são as principais drogas usadas para alívio dos sintomas (CHEN et al., 2019), o que pode causar intoxicações, interações medicamentosas, mascaramento de patologia grave, dependência e resistência ao medicamento (ARRAIS et al., 2016).

Dessa forma, objetiva-se identificar na literatura os aspectos gerais sobre automedicação nos casos de dismenorreia em adolescentes, incluindo sua prevalência e fatores associados.

## 2 MÉTODO

O trabalho apresentado é definido metodologicamente como revisão integrativa. Sendo assim, o processo de construção partiu da definição de uma pergunta, seguindo para a amostragem da literatura e coleta de dados. Após obter o material, foi realizada uma análise crítica dos estudos incluídos e discussão dos resultados, seguindo para a última etapa, na qual apresentam-se os dados da revisão (SOUSA et al, 2017).

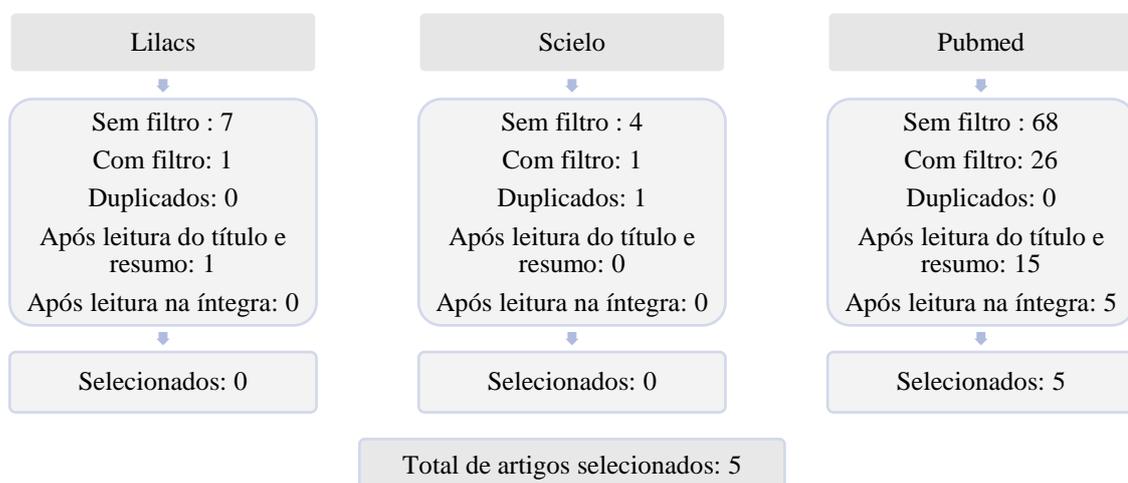
Definiu-se em um primeiro momento que a área da pesquisa seria vinculada à saúde da mulher e, posteriormente, delimitou-se o tema automedicação para dismenorrea, objetivando responder a seguinte pergunta: as mulheres que possuem dismenorrea fazem utilização de medicamentos sem receita?

Seguindo as etapas propostas para esse desenho metodológico, a amostragem e coleta de dados foi realizada através das bases de dados LILACS, SciELO e PubMed, por meio da associação entre os Descritores em Ciências da Saúde “automedicação” [AND] “dismenorrea” e seus equivalentes nos idiomas inglês e espanhol. Para que os estudos fossem incluídos deveriam ter sido publicados nos últimos 5 anos, ou seja, de janeiro de 2016 até maio de 2021, bem como, apresentar no título pelo menos um dos descritores definidos. Além disso, poderiam ser incluídos estudos observacionais e estudos de intervenção em todas as línguas, desde que atendessem a população de adolescentes. Foram excluídos os estudos de revisão, cartas ao editor, estudos que abordassem a automedicação em outras disfunções e patologias, estudos duplicados e aqueles que não apresentassem consenso entre os avaliadores.

Os artigos selecionados foram avaliados em pares a partir dos critérios de seleção. As condições de dúvidas ou falta de descrição de todos os critérios foram discutidas em consenso pelos avaliadores.

A amostra inicial foi composta por 79 estudos. Após a aplicação do filtro para selecionar os artigos dos últimos 5 anos, restaram 28. Seguindo a seleção a partir da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão no título e resumo, restaram 17 estudos. Posteriormente, com a aplicação dos mesmos critérios a partir da leitura dos textos na íntegra foram selecionados 5 estudos para comporem a revisão. A síntese dessas etapas pode ser visualizada no Quadro 1.

**Quadro 1.** Esquema de seleção dos estudos.



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Poucos estudos foram encontrados na literatura acerca da temática estudada, evidenciando lacunas que devem ser preenchidas por meio de pesquisas. Os cinco estudos selecionados foram publicados no idioma inglês e foram redigidos por autores residentes na China (1), Etiópia (1), Ghana (1) e Espanha (1). Além disso, as metodologias escolhidas pelos autores foram a de estudo transversal (4) e estudo misto (1), que incluiu entrevistas semiestruturadas junto à pesquisa transversal.

Chen et al., buscaram explorar a prevalência e as características da dismenorreia primária (DP) entre as universitárias, bem como, as estratégias de autocuidado utilizadas para administrá-la, evidenciando através dos resultados que de 2555 meninas, 1306 eram afetadas pela DP, e 34,8% tinham como prática a automedicação. O estudo também revelou maior predisposição para automedicação nas meninas com quadros de dor mais intensas (CHEN et al., 2019).

A partir do objetivo de investigar a forma como as meninas gerenciam a dismenorreia, os autores Wong, Ip e Lam encontraram evidência de automedicação em 4 das 28 entrevistadas do estudo. Também, apresentaram fatores que levam a automedicação, sendo assim, as meninas utilizaram a automedicação como forma de obter resultados mais rápido para retornar as atividades diárias (WON; IP; LAM, 2016).

Também, no artigo de Parra-Fernandez et al. pretendeu-se analisar a forma de gestão da dismenorreia entre as estudantes. Sendo assim, foi encontrada uma prevalência de automedicação em 59,3% das 224 adolescentes entrevistadas, com preferência para uso de anti-inflamatório não esteroides (AINEs) e paracetamol. Nesse estudo foi revelado que menos da metade das mulheres que se automedicaram sentiram melhora dos sintomas após a ingestão do fármaco (PARRA-FERNANDEZ et al., 2020).

Da mesma forma, Ameade, Amalba e Mohammed, a partir do objetivo de estimar a prevalência, impacto e gestão da dismenorreia, descreveram a prática da automedicação em 58 das 245 adolescentes, sendo que a taxa era maior nas que relatavam graves intensidades de dor. Além de associarem o nível de dor à maiores taxas automedicação, esses autores também apontaram os principais pontos de venda de medicamentos sem receita, destacando como principais as farmácias comunitárias e vendedores de medicamentos de venda livre (AMEADE; AMALBA; MOHAMMED, 2018).

Yesuf, Eshete e Sisay, através do estudo que buscava investigar os impactos da dismenorreia, seus fatores associados e seus meios de autogestão, evidenciaram que dentre as 173 meninas que tinham dismenorreia, 78,2% praticavam a automedicação. Desta forma, por meio dos resultados evidenciaram a generalização da automedicação em adolescentes (YESUF; ESHETE; SISAY, 2018).

A partir da leitura na íntegra, os dados gerais e principais resultados relacionados à automedicação foram sintetizados através da formulação dos Quadro 2 e Quadro 3.

**Quadro 2.** Descrição dos estudos a partir do título, autores, objetivo e ano de publicação.

Nº	Título	Autores	Objetivo	Ano de publicação
1	Primary dysmenorrhea and self-care strategies among Chinese college girls: a cross-sectional study.	Ling Chen, Lu Tang, Shengyu Guo, Atipatsa Chiwanda Kaminga, Huilan Xu.	Explorar a prevalência da dismenorreia primária (DP), as características da DP e as estratégias de autocuidado para o manejo da DP em universitárias chinesas.	2019
2	Self-Care Strategies among Chinese Adolescent Girls with Dysmenorrhea: A Qualitative Study.	Cho Lee Wong, Wan Yim Ip, Lai Wah Lam.	Explorar as estratégias de autocuidado para dismenorreia em meninas adolescentes chinesas em Hong Kong.	2016
3	Management of Primary Dysmenorrhea among University Students in the South of Spain and Family Influence.	María Laura Parra-Fernández, María Dolores Onieva-Zafra, Ana Abreu-Sánchez, Juan Diego Ramos-Pichardo, María Teresa Iglesias-López, Elia Fernández-Martínez.	Analisar os métodos utilizados por estudantes universitários espanhóis para o manejo de sua dismenorreia primária, bem como a eficácia percebida dos métodos empregados e compará-la entre mulheres que têm parentes de primeiro grau com dismenorreia e as que não têm.	2020
4	Prevalence of dysmenorrhea among University students in	Evans Paul Kwame Ameade, Anthony Amalba,	Estimar a prevalência de dismenorreia, seu impacto e gestão entre estudantes do sexo feminino do	2018

	Northern Ghana; its impact and management strategies.	Baba Sulemana Mohammed.	campus Tamale da University for Development Studies em Tamale, norte de Gana.	
5	Dysmenorrhea among University Health Science Students, Northern Ethiopia: Impact and Associated Factors.	Teshager Aklilu Yesuf, Nigist Assefa Eshete, Eskinder Ayalew Sisay.	Determinar a prevalência da dismenorreia e avaliar o seu impacto e estratégias de gestão utilizadas entre os estudantes de ciências da saúde da Universidade de Mekelle.	2018

Fonte: Autores, 2021.

**Quadro 3.** Descrição dos estudos a partir das amostras estudadas e principais resultados.

Nº	Amostra estudada	Principais resultados
1	Um total de 2555 universitárias foi recrutado, e um total de 1.231 meninas com DP foram incluídas em todas as análises. A média $\pm$ DP de idade desses sujeitos foi de $19,21 \pm 1,026$ anos, sendo 16 a mais jovem e 23 a mais velha.	34,8% (n = 428) relataram que se automedicavam, com 15,6% tomando medicina ocidental, 8,6% tomando a medicina tradicional chinesa e 10,6% tomando ambas. As meninas que apresentaram maior intensidade da dor apresentaram maior probabilidade de se automedicar.
2	28 meninas foram entrevistadas. A idade média dos participantes era 15,25 anos (SD 1,53).	Quatro mencionaram que estavam atualmente se automedicando com a medicina ocidental, todas elas usando Acetaminofeno (paracetamol), a única droga que eles poderiam nomear para o alívio da dismenorreia. As meninas relataram que eles se automedicaram porque eles procuraram alívio rápido dos sintomas para que eles pudessem voltar para a escola e retomar a atividade diária.
3	Participaram do estudo 224 universitários, com média de idade de $20,96 \pm 2,24$ .	59,3% das mulheres consumiam analgésicos para dores menstruais sem nunca terem consultado com médico para esse fim. O percentual de mulheres que consideraram seu controle farmacológico por meio de analgésicos eficaz através da automedicação foi de 40%; $p < 0,01$ .

4	293 estudantes do sexo feminino selecionadas aleatoriamente. Neste estudo, a maioria, 221 (75,4%) tinha entre 20 e 25 anos (idade média = $23 \pm 5,07$ anos; Faixa = 16 a 48 anos).	245 das mulheres afirmaram ter dismenorreia e 144 tentaram controlar a dor de alguma forma, sendo que 58 das 66 usuárias de medicamentos alopáticos, o faziam sem receita de um hospital. As farmácias comunitárias, 25 (43,1%) e os vendedores de medicamentos de venda livre, 24 (41,4%), foram os pontos de venda mais comuns para a aquisição destes medicamentos ortodoxos auto-prescritos. Até 50 (86,2%) das usuárias de medicamentos auto-prescritos concordam ou concordam totalmente que sempre obtêm alívio das dores menstruais com o uso desses medicamentos. A automedicação foi associada a gravidade da dismenorreia, tendo como valores apresentando os seguintes resultados: Leve = 10,0%, Moderado = 22,1%, Grave = 56,4%.
5	242 participantes responderam um questionário autoadministrado. A média de idade dos participantes do estudo foi de $20,5 \pm 1,16$ anos.	A maioria dos participantes 173 (71,8%) experimentou dismenorreia. A prática da automedicação parece ser generalizada na população adolescente com dismenorreia. Neste estudo, 78,2% dos participantes relataram automedicação.

Fonte: Autores, 2021.

A principal causa da automedicação está relacionada a aspectos culturais, já que ingerir fármacos por conta própria, sem a necessidade de ir ao médico, alivia a dor de imediato, de forma a permitir retorno rápido às atividades diárias (ARMOUR et al., 2019a; DOMINGUES et al., 2017); aliam-se a isso a dificuldade para marcação de consultas, venda livre de medicamentos e ausência da fiscalização de prescrições (MATOS et al., 2018).

Outro fator associado à prevalência da autogestão farmacológica em casos de dismenorreia é a intensidade da dor: com relação diretamente proporcional, casos de cólica severa possuem maior ocorrência de automedicação (CHEN et al., 2019). Análogo a isso, fármacos analgésicos são utilizados em circunstâncias de dor branda, enquanto anti-inflamatórios não-esteroides se fazem presentes no controle da dor intensa (AMAEDE et al., 2018).

No entanto, administração inadequada e doses em excesso trazem consigo os riscos de dependência, resistência biológica, interação medicamentosa, intoxicação e, principalmente, o mascaramento da afecção patológica (ARRAIS et al., 2016). Causas de dismenorreia secundária como endometriose, mioma, doença inflamatória e infecções pélvicas podem ter

seus quadros clínicos agravados pela dificuldade e atraso no diagnóstico (ARMOUR et al., 2019b).

A literatura demonstra existência de tratamentos não farmacológicos disponíveis à dismenorreia primária, tais como: termoterapia, exercícios isométricos, atividades físicas, massagem terapêutica, acupuntura, yoga e pilates. Além de resultar no alívio da dor, tais terapias alternativas estimulam o autocuidado e desencorajam o uso da automedicação, sendo, portanto, promotores de qualidade de vida à população feminina (MACHADO et al., 2019; YONGLITTHIPAGON et al., 2017; YANK; KIM et al., 2016; BERGER et al., 2019).

#### 4 CONCLUSÃO

A prevalência da automedicação em casos de dismenorreia oscila entre 34,8% e 78,2%; relaciona-se a fatores culturais, acesso facilitado às drogas de venda livre e intensidade da dor experienciada. A autogestão medicamentosa acompanha efeitos prejudiciais à higidez feminina; assim, faz-se necessário o conhecimento de tratamentos não farmacológicos por profissionais de saúde, de modo a promover abordagem integral e multiprofissional, de orientação eficiente e assertiva, percorrendo o caminho oposto aos métodos iatrogênicos.

A fim de superar o caráter cultural da automedicação, é relevante a promoção da educação em saúde ao público feminino não apenas na Atenção Primária como nos espaços onde as adolescentes costumam frequentar, uma vez que tais hábitos são herdados de relações sociofamiliares. Deve-se abordar também os efeitos tóxicos induzidos por autogestão farmacológica, promovendo, para tanto, ações de autocuidado capazes de melhorar a qualidade de vida das mulheres através métodos alternativos de alívio da sintomatologia dismenorreica. Com vistas a embasar tais ações, faz-se necessário a produção de mais produtos acadêmicos e científicos sobre o tema - artigos, cartilhas e eventos à comunidade, enriquecendo a literatura e difundindo essas intervenções.

#### REFERÊNCIAS

- ABREU-SANCHEZ, A. et al. Interference and Impact of Dysmenorrhea on the Life of Spanish Nursing Students. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 6473, p. 1-13, 2020.
- AMEADE, E. P. K.; AMALBA, A.; MOHAMMED, B. S. Prevalence of dysmenorrhea among University students in Northern Ghana; its impact and management strategies. **BMC Women's Health**, v. 18, n. 39, p. 1-9, 2018.

ARMOUR, M. et al. Self-management strategies amongst Australian women with endometriosis: a national online survey. **BMC Complementary and Alternative Medicine**, v. 19, n. 17, p. 1-8, 2019b.

ARMOUR, M. et al. The effectiveness of self-care and lifestyle interventions in primary dysmenorrhea: a systematic review and meta-analysis. **BMC Complementary Medicine and Therapies**, v. 19, n. 22, p. 1-16, 2019a.

ARRAIS, P. S. D. et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, suppl. 2, p. 1s-11s, 2016.

AZAGEW, A. W.; KASSIE, D. G.; WALLE, T. A. Prevalence of primary dysmenorrhea, its intensity, impact and associated factors among female students' at Gondar town preparatory school, Northwest Ethiopia. **BMC Womens Health**, v. 20, n. 5, p. 1-7 2020.

BERGER, B. et al. Personal perception and body awareness of dysmenorrhea and the effects of rhythmical massage therapy and heart rate variability biofeedback-A qualitative study in the context of a randomized controlled trail. **Complementary Therapies in Medicine**, v. 45, n. 1, p. 280-288, 2019.

BURNETT, M.; LEMYRE, M. No. 345-Primary Dysmenorrhea Consensus Guideline. **Journal of Obstetrics and Gynaecology Canada**, v. 39, n. 7, p. 585-595, 2017.

CHEN, L. et al. Primary dysmenorrhea and self-care strategies among Chinese college girls: a cross-sectional study. **BMJ Open**, v. 9, n. e026813, p. 1-9, 2019.

DOMINGUES, P. H. F. et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, n. 2, p. 319-330, 2017.

FEMI-AGBOOLA, D. M.; SEKONI, O. O.; GOODMAN, O. O. Dysmenorrhea and Its Effects on School Absenteeism and School Activities among Adolescents in Selected Secondary Schools in Ibadan, Nigeria. **Nigerian Medical Journal**, v. 58, n. 4, p. 143-148, 2017.

HAILEMESKEL, S.; DEMISSIE, A.; ASSEFA, N. Primary dysmenorrhea magnitude, associated risk factors, and its effect on academic performance: evidence from female university students in Ethiopia. **International Journal of Women's Health**, v. 8, p. 489-496, 2016.

HEWITT, G. Dysmenorrhea and Endometriosis: Diagnosis and Management in Adolescents. **Clinical Obstetrics and Gynecology**, v. 63, n. 3, p. 536-543, 2020.

HU, Z. et al. Prevalence and Risk Factors Associated with Primary Dysmenorrhea among Chinese Female University Students: A Cross-sectional Study. **Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology**, v. 33, n. 1, p. 15-22, 2020.

LGHOUL, S.; LOUKID, M.; HILALI, M. K. Prevalence and predictors of dysmenorrhea among a population of adolescent's schoolgirls (Morocco). **Saudi Journal of Biological Sciences**, v. 27, n. 7, p. 1737-1742, 2020.

MACHADO, A. F. P. et al. Effects of thermotherapy and transcutaneous electrical nerve stimulation on patients with primary dysmenorrhea: A randomized, placebo-controlled, double-blind clinical trial. **Complementary Therapies in Medicine**, v. 47, n. 1, p. 1-10, 2019.

MATOS, J. N. et al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p. 76-83, 2018.

PARRA-FERNANDEZ, M. L. et al. Management of Primary Dysmenorrhea among University Students in the South of Spain and Family Influence. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 15, p. 1-13, 2020.

SAHIN, N. et al. Assessment of anxiety-depression levels and perceptions of quality of life in adolescents with dysmenorrhea. **Reproductive Health**, v. 15, n. 13, p. 1-7, 2018.

SOUSA, L. M. M. de; et al. Metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. **Revista Investigação em Enfermagem**, Ed. SINAI S VITAIS, n.21, 2ª série, p. 17-26, 2017.

SUBASINGHE, A. K. et al. Prevalence and severity of dysmenorrhoea, and management options reported by young Australian women. **Australian Family Physician**, v. 45, n. 11, p. 829-834, 2016.

WONG, C. L.; IP, W. Y.; LAM, L. W. Self-Care Strategies among Chinese Adolescent Girls with Dysmenorrhea: A Qualitative Study. **Pain Management Nursing**, v. 17, n. 4, p. 262-271, 2016.

YANG, N. Y.; KIM, S. D. Effects of a Yoga Program on Menstrual Cramps and Menstrual Distress in Undergraduate Students with Primary Dysmenorrhea: A Single-Blind, Randomized Controlled Trial. **Journal of Alternative and Complementary Medicine**, v. 22, n. 9, p. 732-738, 2016.

YESUF, T. A.; ESHETE, N. A.; SISAY, E. A. Dysmenorrhea among University Health Science Students, Northern Ethiopia: Impact and Associated Factors. **International Journal of Reproductive Medicine**, v. 2018, n. 1, p. 1-5, 2018.

YONGLITTHIPAGON, P. et al. Effect of yoga on the menstrual pain, physical fitness, and quality of life of young women with primary dysmenorrhea. **Journal of Bodywork and Movement Therapies**, v. 21, n. 4, p. 840-846, 2017.